



INSEGURANÇA

Discar o 190 para chamar a polícia tem-se revelado um esforço inútil, no DF. Na maioria das vezes, ninguém aparece. Criminalidade cresce 10% em um ano. Enquanto isso, número de policiais nas ruas cai 14,8%

Dante Accioly e
Roberto Fonseca
Da equipe do **Correio**

Carlos Vieira

O trabalho dele é chamar a polícia. Valmir Silva Lago tem 31 anos e uma bicicleta de dez marchas. Todas as noites, pedala pelas quadras 2, 7, 10, 19 e 27 de Taguatinga Sul armado com um telefone celular pré-pago. Ele ganha a vida como vigia noturno. Quando testemunha furtos, roubos, brigas ou estupros, Valmir tecla um, nove, zero e espera os homens da Polícia Militar. Eles quase nunca chegam.

É que a corporação perdeu 253 policiais, entre 2000 e 2001. Homens e mulheres que deixaram a PM por motivos diversos, da aposentadoria à expulsão. O efetivo perdido seria suficiente para garantir a segurança de 70 mil pessoas ou de cidades com o porte de Riacho Fundo e Lago Sul. Tropa igual à que está lotada atualmente nos quartéis de São Sebastião e Paranoá.

Das 19 regiões administrativas do Distrito Federal, 12 sofreram redução de efetivo: Brasília, Gama, Sobradinho, Planaltina, Paranoá, Núcleo Bandeirante, Ceilândia, Guará, Cruzeiro, Samambaia, São Sebastião e Lago Sul. A falta de policiais nas ruas compromete a segurança pública no DF, onde o número de crimes não pára de crescer: a criminalidade cresceu 10%, entre 2000 e 2001. Os casos de roubo (10,87%), furto (14,14%) e seqüestro-relâmpago (29,17%) foram os que mais aumentaram.

O setor que mais perdeu efetivo no último ano foi o de policiais em atividades operacionais. Ou seja: os PMs que ficam na rua e podem evitar crimes como roubos e furtos. Em 2000, eram 2.585 homens trabalhando diariamente. No ano seguinte, a média diária caiu para 2.202,1 — uma redução de 14,8%.

A frieza dos números se reflete no cotidiano da população. Comunidades inteiras sentem-se desprotegidas. “Eu telefono para a polícia de três a quatro vezes por madrugada. Se ligo antes das 4h, a viatura demora mais de 40 minutos para chegar. Se ligo depois, nem adianta, eles não aparecem mesmo”, reclama o vigia Valmir. A troca de turno nos quartéis geralmente ocorre às 8h da manhã.

Dia desses, o vigia flagrou uma tentativa de estupro na quadra 31. Com a ajuda de dois colegas, conseguiu render o agressor, que ameaçava a vítima com uma faca. Como de costume, Valmir ligou para a central de operações da PM. Depois de uma hora, nada de policiais. “Um dos vigias teve de montar na bicicleta para buscar uma viatura no Pistão Sul. Os PMs vieram. Mas vieram à força.”

“DE VEZ EM NUNCA”

Do Gama a Planaltina, passando por Ceilândia, Taguatinga, Paranoá e São Sebastião, a situação é a mesma: “Polícia? Aqui mesmo, não”. A dona-de-casa Maria Graça Santana do Nascimento, de 52 anos, já cansou de ligar para a central de operações da PM. O marido dela é um soldador que sai de casa para o trabalho antes de o sol raiar. José dos Reis Soares já foi assaltado quatro vezes. “E não vi polícia nenhuma vez”, reclama a dona-de-casa.

Maria Graça mora na quadra 20 do Paranoá. A cidade ocupa o terceiro lugar no *ranking* da pior distribuição de policiais por número de habitantes. Há apenas um PM para cada grupo de 429 moradores. Só fica atrás de Ceilândia (um por 537 habitantes) e São Sebastião (um por 476).

O marido de Maria Graça foi assaltado pela última vez no início do ano. “Os ladrões deram uma carreira nele do ponto de ônibus até aqui em casa. Só foi salvo porque os vizinhos chegaram bem na hora e espantaram os *malas*. Se fosse depender de polícia, ele estava frito”, conta Maria Graça.

Os órfãos da segurança estão por toda parte. É o caso de Buritis IV, um assentamento paupérrimo

encravado na cidade de Planaltina. Lá, a polícia não circula. “A PM aparece por aqui de vez em nunca. E não é por falta de aviso, já cansei de pedir ajuda à polícia”, assegura o aposentado Benedito Eustáquio da Silva, 72 anos.

Uma equipe do **Correio** rodou o assentamento na manhã de quarta-feira. E pôde constatar: nenhuma das oito viaturas disponíveis para rondas na cidade passou pelo local.

Quase todos em Buritis IV têm histórias de violência na ponta da língua para contar. A maioria prefere não se identificar. Teme represálias dos bandidos, que andam com liberdade pelo local. Flagrar pessoas com armas penduradas na cintura é mais fácil do que avistar um policial.

No centro de Planaltina, um PM dá a pista para a ausência da polícia em Buritis IV. “As ruas não têm asfalto e são cheias de bura-

cos. É muito difícil rodar com as viaturas”, diz o jovem soldado, que pede para não ser identificado. Outro problema do assentamento é a falta de infra-estrutura. Não há iluminação pública, nem rede de esgotos. “A escuridão ajuda os bandidos. Eles se escondem entre as casas”, completa.

A caixa Rhuthislene Ramos, de 20 anos, trabalha em uma padaria de Ceilândia Sul. Em três anos de serviço, foi assaltada três vezes.

“Os caras chegaram com uma pistola apontada para minha barriga. Levaram todo o dinheiro do caixa e foram embora tranquilamente.”

Ela telefonou para a PM, que mandou um carro 40 minutos depois. “Eles me botaram dentro da viatura e a gente deu umas voltinhas pelas ruas. Mas não achamos ninguém. Depois de tanto tempo, os bandidos já estavam longe”, lembra Rhuthislene. Nas

MEMÓRIA

Policimento ficou na promessa

O governador Joaquim Roriz anunciou, em janeiro de 1999, um plano que prometia revolucionar o sistema de segurança pública no Distrito Federal. Baseado no programa americano Tolerância Zero, o Segurança sem Tolerância surgiu com a promessa de intensificar o policiamento ostensivo, com a volta da Rocan (Rondas Ostensivas Candangas) e das duplas de Cosme e Damião.

No Plano Piloto, a Rocan e os Cosme e Damião concretizaram-se no projeto Quadrante — quatro PMs e um carro para cada quatro quadras, entre as 8h30 e 20h30. Mas, no momento, a falta de efetivo nos batalhões permite que apenas dois policiais atuem por quadrante.

Como o Segurança sem Tolerância não produziu os resultados esperados — coibir os crimes, desde as pequenas contravenções —, o GDF apressou-se em lançar o Segurança em Ação, em agosto de 2000. A ideia era, a cada semana, intensificar o combate a um tipo de crime, a partir de dados levantados pelo governo.

Mas, entre 2000 e 2001, houve aumento em crimes de latrocínio (matar para roubar), roubo, furto, seqüestro-relâmpago, golpe, entre outros. A SSP registrou redução nos crimes de homicídio, lesão corporal e estupro.

Para 2002, a meta do GDF é implantar o Centro Integrado de Operações de Segurança Pública (Ciosp). Ele vai centralizar todos os pedidos de socorro e registros de ocorrências do Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e Polícia Civil. Devem ficar prontas, também, novas delegacias na Asa Sul e Planaltina.

outras duas vezes em que foi assaltada, a caixa sequer chamou a polícia. “Para que? Não adianta mesmo.”

EMPRESAS FATURAM

Outro indicativo da carência de PMs nas ruas é a quantidade de casas com equipamentos contra roubos — câmeras, radares e alarmes. Antes tranquilas em relação à segurança doméstica, hoje as famílias de classe média querem ter à disposição a mais avançada tecnologia de proteção.

Em 2001, o faturamento das empresas que vendem aparelhos para prevenir o crime foi de R\$ 9 milhões no DF. Somente no ano passado, o número de pessoas que procuraram empresas de sistemas eletrônicos de vigilância aumentou 40% em relação a 2000. Segundo estimativa da Associação Brasileira das Empresas de Segurança Eletrônica (Abese), 1,5 mil casas e 3 mil lojas são monitoradas por sensores, câmeras e alarmes no DF.

Para a Federação das Empresas de Segurança e Transporte de Valores (Fenavist), a capital federal é o quarto mercado do gênero no país. Movimentou cerca de R\$ 334 milhões por ano. Perde apenas para São Paulo (R\$ 3,4 bilhões), Rio de Janeiro (R\$ 963 milhões) e Minas Gerais (R\$ 488 milhões). No Brasil, o faturamento das empresas de segurança privada chega a R\$ 7,3 bilhões. O crescimento projetado para 2002 é de 20%.

■ Colaborou: Renato Alves



MARIA GRAÇA NASCIMENTO DIZ QUE CANSOU DE ESPERAR PELA POLÍCIA. RUTHISLENE RAMOS (ABAIXO) NEM CHAMA MAIS A PM: “NÃO ADIANTA”

Paulo de Araújo



Sem proteção